

Julio Rodrigues de OLIVEIRA* 
Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil
olineto20@gmail.com

Marcos Clair BOVO** 
Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, Brasil
mcbovo69@gmail.com



EXPLORANDO LOCAIS DE VIVÊNCIA: POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Exploring of lifestyles spaces: pedagogical possibilities for geography classes in rural education

Explorandos lugares de vida: posibilidad pedagógica para las clases de geografía en la educación rural

RESUMO

O componente curricular de Geografia no contexto da Educação do Campo é relevante para a formação dos estudantes, pois pode incorporar aspectos de vivências estudantis nos processos de ensino. Dessa forma, justificamos a necessidade de valorizar os espaços rurais e fortalecer a identidade cultural dos estudantes da Educação do Campo, promovendo o senso de valorização e pertencimento por meio de conteúdos conectados com a escala local. O objetivo deste artigo é analisar a Geografia na formação dos estudantes das escolas da Educação do Campo, contribuindo para a valorização e o fortalecimento do senso de pertencimento às comunidades, nas quais estão inseridos. A metodologia foi constituída de pesquisa bibliográfica e o relato analítico de uma prática pedagógica desenvolvida por meio de uso de geotecnologias em sala de aula, como o software Google Earth. Sendo assim, podemos destacar que a exploração e compreensão dos locais de vivência dos estudantes promovem a cidadania crítica e a valorização das comunidades locais, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: leituras de mundo; cidadania crítica; geotecnologias; escalas geográficas.

*Docente do Curso de graduação Geografia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Líder do grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM (GEURF).

**Possui graduação em Geografia Licenciatura pela Universidade Estadual do Paraná (2021), graduação em Geografia Bacharelado pela Universidade Estadual do Paraná (2022) e mestrado em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (2023). Atualmente é professor - Secretaria de Educação do Estado do Paraná.

ABSTRACT

The Geography course syllabus is very important when it comes to rural education, because the aspects of the students' lives can be incorporated into the teaching process. That is why it is fundamental to value the rural spaces and strengthen the students' rural identity in education, promoting a sense of appreciation and belonging through content related to the local scale. This paper aims to analyze the Geography course that is offered to students in rural education, contributing to the appreciation and strengthening of their sense of belonging when it comes to the communities in which they are inserted. The methodological approach consists of bibliographic research as well as an analytical report of a pedagogical strategy that included geotechnology in the classroom, such as the Google Earth software. It is possible to highlight that exploring and understanding the places in which the students live can promote critical citizenship and the appreciation of local communities, which can contribute to their development.

Keywords: understanding the world; critical citizenship; geotechnology; geographic scale.

RESUMEN

El componente curricular de Geografía, en el contexto de la Educación Rural, es relevante para la formación de los estudiantes, ya que puede incorporar aspectos de las experiencias estudiantiles en los procesos de enseñanza. De esta manera, se justifica la necesidad de poner en valor los espacios rurales y fortalecer la identidad cultural de los estudiantes de Educación Rural, promoviendo un sentido de valoración y pertenencia a través de contenidos conectados con la escala local. El objetivo de este artículo es analizar la Geografía en la formación de los estudiantes de las escuelas de Educación Rural, contribuyendo a la valorización y fortalecimiento del sentido de pertenencia a las comunidades en las que se insertan. La metodología consistió en la investigación bibliográfica y el informe analítico de una práctica pedagógica desarrollada, utilizando geotecnologías en el aula, como el software Google Earth. Por lo tanto, podemos resaltar que la exploración y comprensión de los lugares donde viven los estudiantes promueve la ciudadanía crítica y la valoración de las comunidades locales, contribuyendo a su desarrollo.

Palabras-clave: lecturas del mundo; ciudadanía crítica; geotecnologías; escalas geográficas.

INTRODUÇÃO

Em meio às complexidades do mundo contemporâneo, é essencial reconhecer os espaços de vivência que ocupamos e as possibilidades de atuação e transformação. Para tanto, é necessário fortalecer as comunidades em seus contextos culturais e tornar os sujeitos críticos e protagonistas em prol de transformações sociais.

Nesse contexto, a educação é fundamental para o desenvolvimento de qualquer sociedade, pois não se restringe às instituições escolares. Ela abrange diversas esferas, incluindo a familiar, política, religiosa, cultural e social. Por meio da educação, produz-se conhecimento, permitindo o progresso da sociedade a partir de uma intencionalidade coletiva.

A escola é a principal instituição social de ensino responsável por mediar os processos educativos. Dessa forma, cada escola deve atender à realidade social do seu público-alvo, promovendo uma sociedade justa e igualitária. Isso envolve considerar o contexto espacial e geográfico, as ações históricas e os indicadores socioeconômicos dos estudantes.

No contexto de formação escolar dos estudantes, é necessário um processo formativo baseado em critérios éticos e morais, cuja formação permita que os alunos possam argumentar e que tenham efetiva atuação na sociedade em busca de melhorias coletivas, portanto para esse processo formativo dos estudantes, é necessário ter um compromisso assumido com a realidade, segundo Paulo Freire, o educador deve assumir compromissos “[...] com os destinos do país, compromisso com seu povo, com o homem concreto, compromisso com o ser mais deste homem [...]” (Freire, 1982, p. 25).

Nesse sentido, a Geografia, enquanto componente curricular proposto na Educação Básica, apresenta-se como uma ferramenta para compreender o espaço em que vivemos e ocupamos. Portanto, para desenvolver esse percurso formativo, é fundamental que os estudantes, durante o período de formação escolar, reconheçam o espaço geográfico e se conheçam como sujeitos pertencentes aos seus locais de vivências.

Desse modo, a Geografia torna-se um instrumento valioso no processo de reconhecimento do espaço geográfico. Vai muito além de um componente curricular com conteúdo pragmáticos, auxilia na decifração das complexidades, interações e articulações que ocorrem no espaço. A partir da análise de elementos físicos, sociais, econômicos, culturais e das interações entre eles, a Geografia permite compreender os fenômenos que ocorrem nas escalas local, regional e global. Assim, os estudantes, enquanto agentes transformadores do espaço geográfico, participam ativamente desse processo dinâmico.

Portanto, no processo de fortalecer o protagonismo e o senso crítico dos estudantes durante a formação, é fundamental considerar o contexto em que as instituições de ensino estão inseridas e a realidade social da comunidade local. Após a formação, os estudantes poderão atuar em prol de melhorias dessas comunidades.

Por conseguinte, neste texto, objetivamos analisar a Geografia na formação dos estudantes das instituições escolares da Educação do Campo, contribuindo para a valorização e o fortalecimento do senso de pertencimento às comunidades nas quais estão inseridos.

Para a realização deste estudo, fundamentamo-nos na busca de referenciais teóricos sobre Educação do Campo e Ensino de Geografia com intuito de estabelecer inter-relações com a pesquisa realizada. Além disso, consideramos relatos de práticas vivenciadas pelos autores em sala de aula, especialmente no ensino de Geografia, implementadas em uma instituição escolar do campo. Com essas atividades, buscamos compreender a realidade específica da escola e sua articulação com os conteúdos geográficos.

Justificamos a relevância dessa temática ao considerar a importância da valorização dos diferentes espaços geográficos, especialmente o espaço rural no Brasil. O ensino de Geografia, fundamentado em valores éticos, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento regional das diversas comunidades, envolvendo seus próprios membros como agentes transformadores.

Dessa forma, a apresentação das análises está organizada em seções. Inicialmente, contextualizamos a Educação do Campo que é uma abordagem pedagógica que busca valorizar e integrar a cultura, a identidade e as necessidades dos sujeitos que vivem no campo, promovendo uma formação mais ampla e contextualizada. Em seguida, relatamos as atividades desenvolvidas com estudantes do ensino médio durante as aulas de Geografia, com foco no conhecimento do local onde a instituição escolar está inserida geograficamente.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: EMANCIPAÇÃO DOS MORADORES DA ÁREA RURAL

É relevante considerarmos que a Educação possui um papel crucial no desenvolvimento social. Os processos de ensino-aprendizagem não apenas auxiliam na formação dos sujeitos enquanto cidadãos, mas também proporcionam suporte à implementação e prática de habilidades cooperativas, democráticas e inclusivas. Essas habilidades permitirão que os estudantes se tornem agentes políticos e atuantes do desenvolvimento social de suas comunidades.

Desse modo, não há neutralidade na educação, pois “[...] é impossível uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral [...]” (Freire, 2006, p. 23). Isso

implica que os processos educativos possuem um fundamento socializador e devem focar na formação dos estudantes para a vida e na construção de um pensamento voltado à realidade, para tanto, considera-se cada especificidade local, contribuindo para o acréscimo social (Maturana, 1983).

Ao analisar a formação social de indivíduos conscientes e ativos, observamos que instituições sociais como a família, a igreja, a mídia e a escola atuam como mecanismos de socialização. Émile Durkheim, um dos fundadores da sociologia moderna, destaca a importância dessas instituições na sociedade e, conseqüentemente, na formação dos indivíduos.

A escola, como uma dessas instituições, não apenas promove a construção de conhecimentos acadêmicos, mas também favorece o desenvolvimento de práticas de socialização, a formação de valores éticos e o aprimoramento de habilidades sociais. Assim, a escola se torna um espaço para a implementação de práticas cooperativas, permitindo que os indivíduos reflitam sobre a realidade à qual pertencem.

Os processos educativos na educação básica devem, portanto, estar conectados à realidade do público-alvo. A função da educação básica para as camadas populares é capacitá-las a promover uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente no que diz respeito à emancipação dos sujeitos residentes em áreas rurais.

Por outro lado, os autores Santos, Aquino e Andrade (2024) explicam que esse direcionamento de emancipação dos sujeitos é complexo, ao enfrentar os obstáculos do sistema econômico vigente, para os autores “a luta pela educação que respeite as singularidades não pode se curvar a ingenuidade de que não enfrentará forças adversas que se contrapõe ao projeto intercultural em prol de uma educação homogênea e acrítica [...]” (Santos; Aquino; Andrade, 2024, p. 199). Diante disso, a Educação do Campo enfrenta o desafio de reconhecer e valorizar sua própria diversidade.

A Educação do Campo é uma modalidade educacional voltada para atender às especificidades e demandas das áreas rurais, valoriza suas culturas, saberes e práticas, dos povos que se localizam nesse recorte geográfico. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no Art. 5, define que “as propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade [...] contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia” (Brasil, 2002, p. 34).

Complementa-se essa determinação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 que, em seu artigo 28, estabelece “na oferta de educação básica para a população

rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região [...]” (Brasil, 1996).

Portanto, essa proposta educacional possui um caráter emancipador, uma vez que os povos do campo sempre foram marginalizados no aspecto social, político, cultural e educacional.

Durante muito tempo o homem do campo foi estereotipado pelo seu falar, sua cultura, suas vestimentas como um sujeito de cultura inferior, isso é perceptível nas personagens de histórias em quadrinhos, na literatura, filmes, desenhos, novelas etc, todos os objetos culturais representam o homem do campo desta forma (Santos; Aquino; Andrade, 2024, p. 202).

Esse estereótipo é exemplificado pelos autores na obra literária do escritor Monteiro Lobato (2007), que cria a personagem Jeca Tatu e retrata-o como um homem marcado pela falta de perspectiva, “Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada” (Lobato, 2007, p. 8). Os autores Matos e Ferreira (2019, p. 197) apresentam as características do personagem como “alheio à ideia de pátria, indolente, apático, impenetrável à civilização”. Essa visão classificativa e pejorativa indicava que os povos do campo não tinham condições de transformar sua própria realidade.

Esse processo de desvalorização dos povos do campo atrasou o reconhecimento de suas identidades e, conseqüentemente, os avanços nos processos educativos voltados para esses sujeitos. Esse cenário começou a mudar com o movimento de valorização promovido pela música sertaneja raiz. Atualmente, esse processo continua com a veiculação de propagandas que enaltecem o campo, muitas vezes idealiza o agronegócio e deixa de lado a agricultura familiar (Santos; Aquino; Andrade, 2024). Nesse contexto, o avanço dos debates sobre a Educação do Campo tem contribuído para fortalecer os sujeitos em seus aspectos sociais.

É nesse momento que o povo do campo é ouvido como seres sociais. Além de inseri-los como centro no processo educativo, “a Educação do Campo veio de encontro aos anseios de uma parte da população brasileira que ficou por vezes à margem da sociedade, sendo ‘enxergada’, mas não vista, a deixavam falar, contudo não a ouviam [...]” (Simões; Torres, 2011, p. 13).

Muitas vezes, a Educação do Campo é confundida com a Educação Rural. Embora ambas se situem no contexto territorial e sociocultural do meio rural e de seus residentes, elas apresentam currículos e abordagens educacionais distintas. A Educação Rural, influenciada por ideologias capitalistas, foca na adaptação da classe trabalhadora rural aos interesses dominantes, molda seu currículo de acordo com a perspectiva e necessidades dos povos urbanos.

O aluno da Educação Rural se torna prisioneiro das necessidades do capital. Embora o surgimento de escolas no meio rural corroborou para a alfabetização ruralista, seu intuito não era de emancipação de aprendizado, mas de alienação e de padronização. Isto é, “a educação rural foi criada com base nos interesses do capital, é fruto dos interesses deste, ou seja, pela busca do desenvolvimento do capitalismo no campo [...]” (Santos; Miranda, 2017, p. 136). Vale destacarmos que a Educação Rural exala implicações mercadológicas.

O que diferencia a Educação Rural com a do Campo é que enquanto a primeira tem viés capitalista, a segunda busca promover a valorização cultural local, a inclusão social, o desenvolvimento sustentável e os fortalecimentos dos estudantes.

Diante dessas considerações, é compreensível que a educação voltada para o meio rural não pode ser uma mera reprodução da educação já estabelecida no meio urbano. Uma vez que essa educação deve considerar as perspectivas históricas e culturais do povo para qual será ofertada. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo no Art. 2, parágrafo único diz que “a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros [...]” (Brasil, 2002, p. 1).

Portanto, na próxima seção, apresentamos atividades desenvolvidas no contexto das práticas de ensino-aprendizagem na educação básica, baseadas no componente curricular de Geografia. Essas atividades visam reconhecer e valorizar o recorte espacial em que a escola do campo está inserida, a partir da análise das questões inerentes à sua realidade.

Dos Espaços de Vivência às Práticas no Ensino de Geografia

Uma das principais necessidades no processo de ensino de Geografia é criar estratégias que permitam aos estudantes se reconhecerem dentro do espaço geográfico, compreendendo seu papel e influência no ambiente em que vivem. Isso envolve a prática de contextualizar os conteúdos geográficos com as situações cotidianas desses estudantes.

Portanto, é necessário que no processo de ensino de Geografia, os conteúdos estejam relacionados às condições da realidade, nesse sentido:

O conteúdo de Geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas da vida, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e como tal pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade (Callai, 2015, p. 143).

Desse modo, a autora destaca a natureza intrinsecamente social e prática da Geografia, que permite o aprendizado geográfico a partir da realidade concreta e visível do mundo. Isso possibilita o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva dos estudantes em relação às suas práticas de vivência e aos impactos socioespaciais e ambientais, aproxima as práticas de vivência dos conteúdos curriculares.

Portanto, nessa valorização dos processos de ensino-aprendizagem é preciso desenvolver habilidades de interpretação do mundo ao redor dos estudantes e de seu papel nele. Para alcançar esse objetivo, o estudo e a análise da paisagem e de materiais cartográficos são considerados possibilidades importantes de atuação.

Essa abordagem geográfica transcende a teoria, destaca a praticidade do processo de aprendizagem da Geografia por meio da análise de situações cotidianas que são suscetíveis de uma abordagem geográfica. A esse respeito, os autores Pitano e Noal (2015, p. 71) explicam que “a Geografia configura-se, de certa forma, como ‘gramática do mundo’, pois ela explica o espaço frente a seus múltiplos e complexos fenômenos”.

Desse modo, para o desenvolvimento de um ensino que possibilite aos estudantes serem engajados e críticos sobre os diferentes vieses sociais que colocam suas práticas de vivência, é importante desenvolver as “leituras do mundo”, que a autora Callai (2005) coaduna o pensamento de Pitano e Noal (2015) ao explicar que esse exercício possibilita o exercício da cidadania.

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos) (Callai, 2005, p. 228).

Partindo dessa abordagem teórico-metodológica, foi desenvolvida uma atividade em uma turma de ensino médio de uma instituição escolar da modalidade do campo, que é o local de atuação profissional do autor. O software Google Earth foi utilizado como recurso didático para que os estudantes realizassem leituras de seus próprios espaços de vivência.

Os alunos observaram as mudanças no ambiente físico, social e cultural de suas comunidades locais ao longo do tempo, identifica os principais fatores que influenciam essas transformações, como migração, desenvolvimento econômico e políticas públicas de assistencialismo. Além disso, reconheceram como essas mudanças impactam suas próprias vidas e experiências diárias.

Essa prática, recobra-se da utilização de uma forma, das geotecnologias, sobre esse termo, pode ser definido “[...] um conjunto de tecnologias voltadas à coleta, ao processamento, à análise

e à disponibilização de dados e informações espaciais” (IBAM, 2015, p. 8). São exemplos desse conjunto de ferramentas, o sistema de informação geográfica, a cartografia digital, o sensoriamento remoto, o GPS e a topografia, sendo que, infelizmente, nem todos são acessíveis para o processo de ensino de Geografia, uma possibilidade encontrada é a partir do Google Earth.

Esse software é um instrumento que pode ser utilizado em sala de aula devido à sua versatilidade, possibilita a dinamização das aulas de Geografia e proporciona uma “aprendizagem dinâmica onde os alunos consigam obter informações geográficas de qualquer ponto da terra e até mesmo do espaço sideral a exemplo da Lua e de Marte, de forma fácil e rápida” (Rêgo; Serafim, 2015, p. 8).

Portanto, no contexto da implementação dessa atividade, foi realizada a aula a partir de metodologia expositiva e dialogada para apresentar o Google Earth aos estudantes, explica as funcionalidades do programa, com ênfase na exploração espacial de porções do globo terrestre. Isso gerou curiosidade em alguns alunos que se interessaram em fazer o download da versão em aplicativo para seus smartphones. Para a atividade, foi utilizado um projetor multimídia, que ampliou as ferramentas e facilitou a visualização.

Consideramos, como um contraponto e não como uma oposição, que a utilização de smartphones pelos estudantes no processo de aprendizagem gera uma discussão sobre seus pontos de contribuição. Em nosso debate, procuramos enfatizar como o uso de diferentes recursos contribui para realizar leituras de mundo com os estudantes. Esse senso de curiosidade e investigação, aliado a uma ferramenta familiar, possibilita que os estudantes se reconheçam dentro do "mundo" no contexto que estamos.

Outra consideração a ser feita nesta investigação é o acesso à internet nas áreas rurais, que muitas vezes apresenta uma conexão precária que dificulta a realização de atividades como esta apresentada. No entanto, como não enfrentamos essa problemática, reiteramos que ao possibilitar um aprendizado do mundo concreto e real aos nossos estudantes, todos os recursos disponíveis, desde que com um viés pedagógico, são alternativas a serem utilizadas. Um desdobramento necessário é a melhoria da conectividade à internet na área rural. Esse processo já está em andamento, e poder desenvolver atividades como esta é uma consequência de um caminho que já está sendo implementado.

Após a apresentação do Google Earth, os estudantes foram direcionados para o Laboratório de Informática e a partir das orientações prévias do docente, puderam acessar o software e explorar seus recursos. Destacamos que muitos dos estudantes nunca haviam acessado essa plataforma antes, o que gerou uma sensação inicial de curiosidade e investigação ao explorar locais do mundo que utilizam recursos tecnológicos sobre essa prática “o professor pode usar a

tecnologia como um recurso pedagógico em sala de aula, de maneira saudável e facilitadora na aprendizagem. Sendo possível ao aluno o entendimento do conteúdo de forma prazerosa e articulada com a realidade [...]” (Pitano; Noal, 2015, p. 70).

Para o prosseguimento dos trabalhos, os estudantes foram orientados a encontrar o local onde residem com a utilização o Google Earth. Por se tratar de uma área rural, alguns estudantes conseguiram localizar a propriedade de suas famílias, como a chácara, sítio, etc., e observar o espaço em que residem a partir das imagens de satélite, e as atividades econômicas desenvolvidas nesse recorte espacial.

Consideremos, como exemplo, o desenvolvimento dessa atividade a partir do recorte espacial em que a instituição escolar está inserida. Nesse caso, foi proposto aos estudantes utilizarem a ferramenta "time lapse" (ferramenta de tempo) para observar a transformação da paisagem ao longo das décadas em um recorte temporal dentro de um mesmo espaço.

No entanto, essa funcionalidade não está disponível para todas as áreas espaciais presentes no Google Earth. Prosseguindo com a execução do trabalho, propusemos aos estudantes que utilizassem a ferramenta para analisar as modificações que ocorreram em seus espaços de vivência, destacando as áreas de propriedades familiares e as atividades desenvolvidas nesses locais com rentabilidade econômica que contribuem para a transformação da paisagem. A Figura 1 apresenta os estudantes trabalhando em pares.

Figura 1 - Estudante utilizando o Google Earth



Fonte: Os autores, 2024

Em relação à metodologia ativa "aprendizagem entre pares", traduzida do inglês "*Peer instruction*", trata-se de uma forma de aprendizagem propiciada pelo advento tecnológico no campo educacional, no qual os estudantes têm acesso à informação instantaneamente. Assim sendo, considera a necessidade de direcionar adequadamente essa informação, expomos o que explicitam as autoras Mäder, Behrens e Kowalski (2022, p. 64920), essas metodologias ativas "[...] possibilitam ao indivíduo ampliar exponencialmente suas referências, promovendo ainda um papel de protagonismo e de autonomia da sua aprendizagem".

Um exemplo disso, é o recurso disponível em seus smartphones, que pode ser acessado em tempos e espaços de acordo com a intenção dos estudantes. Ainda sobre o conceito desse método de aprendizagem, as autoras explicam a aprendizagem entre pares como sendo “[...] baseado no estudo prévio de materiais que são disponibilizados pelo professor, junto com questões conceituais, para que os alunos discutam entre si em sala de aula, promovendo a compreensão e a aprendizagem através da interação entre os colegas” (Mäder; Behrens; Kowalski, 2022, p. 64921).

Para tanto, os estudantes, em pares, realizaram a análise a partir das "leituras de mundo" (Callai, 2015) sobre seus locais de vivência. Para exemplificar esse desenvolvimento prático, utilizamos o recorte espacial que apresenta a localização da instituição escolar em questão, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 - Comparativo da transformação da paisagem na área distrital (2007-2018)



Fonte: Organizado pelos autores de Google Earth, 2024.

A instituição escolar em questão está localizada em um distrito, conforme representado na Figura 2. Ao observar as mudanças temporais no mesmo recorte espacial, os estudantes puderam verificar que o colégio estava em construção. Além disso, notaram a expansão das áreas agricultáveis no distrito em detrimento do desmatamento de áreas de vegetação e o crescimento de residências em loteamentos decorrentes de programas de habitação popular.

Esse exemplo ilustra as atividades desenvolvidas pelos estudantes que permitiram a eles identificar o local onde residem e observar as mudanças e transformações da paisagem ao longo do tempo. Durante o trabalho em pares, os estudantes dialogaram sobre as transformações no

espaço geográfico local e os fatores que contribuíram para a configuração atual, incluindo atividades econômicas como a agricultura familiar e o agronegócio, que são exemplos de ações que alteram a paisagem, executadas por eles e suas famílias.

Uma observação significativa feita pelos estudantes foi o aumento das áreas de vegetação natural desmatadas e a conseqüente mecanização desses terrenos para o cultivo de cereais. Esse fenômeno foi identificado com maior frequência nas proximidades de suas residências, sendo realidade dos municípios da região.

A atividade também possibilitou um momento de troca de conhecimentos, a partir das experiências vivenciadas pelos estudantes, como a relação com o trabalho e suas famílias, e o esvaziamento populacional das áreas rurais. Foi observado que muitas construções que antigamente eram residências no campo agora estão abandonadas, uma vez que seus habitantes migraram para os centros urbanos em busca de novos postos de trabalho. Esse fenômeno interliga as escalas geográficas e destaca as mudanças nas dinâmicas urbanas e rurais.

Ensinar Geografia implica em partir de uma análise que conduza a explicação dos fenômenos do contexto local para o global. Enfatizando, também, a influência que o global tem no local e, vice-versa, em que a aprendizagem é um processo pelo qual os sujeitos entendem, conhecem e organizam informações da realidade, transformando-as em conhecimento (Pitano; Noal, 2015, p. 70).

Com base nessas análises, propusemos aos estudantes que sistematizassem as evidências da transformação da paisagem, utilizando ferramentas didáticas para a produção de slides. Os estudantes exercitaram sua criatividade ao apresentar, em tópicos, os itens analisados e ilustrar essas mudanças com imagens pertinentes. Nos grupos de trabalho, os estudantes puderam constatar os seguintes aspectos relacionados à modificação das paisagens na área rural:

- Aumento de áreas agricultáveis: expansão do agronegócio.
- Esvaziamento populacional: construções, como casas abandonadas.
- Moradia popular: construção de casas em loteamentos para famílias de baixa renda.
- Implementação de novas fontes de renda: instalação de fábricas de costura.
- Agricultura familiar: produção de limões para venda aos mercados.
- Adoção de tecnologia no campo: presença de drones.

Essas mudanças refletem a transformação que o meio rural no Brasil vem sofrendo, envolvendo alterações significativas nos aspectos econômicos e na produção, o que afeta diretamente as populações residentes nas áreas rurais. A implementação de políticas públicas

voltadas para a permanência no campo, como a construção de moradias populares e o incentivo a novas fontes de renda — como o avanço da agricultura familiar e a instalação de fábricas locais — são exemplos de medidas que podem contribuir para o desenvolvimento e a permanência das populações rurais.

O desenvolvimento dessa prática possibilitou que os estudantes reconhecessem os locais de origem e entendessem como fazem parte do processo de transformação das paisagens. Sobre esse aspecto, Callai explica que:

Assim, professor e aluno estarão envolvidos em situações de aprendizagem que consideram o empírico, o reconhecimento do que existe no lugar, os conhecimentos que o aluno traz consigo a partir de suas vivências, e a busca de teorização destas verdades. Contextualizando-as os alunos fazem as abstrações necessárias, trabalhando com os conceitos científicos e desencadeando a compreensão que permite ir cada vez mais além no sentido de generalizar experiências particulares e entender a realidade de forma mais ampla (Callai, 2015, p. 133).

Callai (2015) destaca que o desenvolvimento do ensino de Geografia integrado com as experiências práticas e o conhecimento prévio dos estudantes, os quais possibilitam a teorização das vivências pessoais e coletivas na comunidade à qual pertencem, torna a aprendizagem mais significativa por meio da compreensão de conteúdos geográficos conectados com a vida cotidiana dos estudantes. Nesse sentido, Pitano e Noal complementam o pensamento de Callai (2001) ao pontuar que:

Não basta ter conhecimento dos conceitos se o aluno não sabe utilizá-los na vida prática, ou seja, se não sabe para que serve em seu dia-a-dia. É fundamental que o ensino de Geografia seja voltado para o pensamento crítico sobre os conteúdos, pois é através da compreensão das múltiplas relações vivenciadas que o aluno construirá conceitos, entendendo que os fenômenos geográficos estão interligados com a natureza e com o homem, no tempo e no espaço. A noção de escala espaço-temporal, por exemplo, precisa ser clara, dando conta de explicitar que os fenômenos universais estão presentes no contexto da local, de forma prática e que são vivenciados pelos educandos (Pitano; Noal, 2015, p. 69).

Ambos os autores concordam que a aprendizagem se torna significativa quando envolve as relações entre natureza e sociedade. A aplicação prática dos conteúdos geográficos nos contextos locais dos estudantes fortalece o pensamento crítico em Geografia, contribuindo significativamente para a compreensão profunda e contextualizada dos fenômenos geográficos, contribuindo para “fortalecer projetos educacionais que reconhecem e reafirmam as culturas campestres aviva a cultura contra-hegemônica e questiona os processos impostos pela lógica de dominação cultural e política do sistema capitalista” (Santos; Aquino; Andrade, 2024, p. 214-215).

Ao aplicar os conteúdos geográficos de forma prática e contextualizada, como sugerem Callai (2015) e Pitano e Noal (2015), os processos educativos fortalecem o pensamento crítico dos estudantes, valorizam as identidades culturais locais e promovem a resistência cultural. As histórias e narrativas de vida dos sujeitos que vivem no campo, com suas experiências, devem ser reconhecidas e incorporadas nos processos educativos, torna a aprendizagem mais significativa, dinâmica e interativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos evidenciados, destacamos a necessidade de a Educação do Campo reconhecer as especificidades da área rural, incorpora a cultura e os saberes locais no currículo. Isso permitirá uma aprendizagem significativa, contextualizada com a realidade dos estudantes, promovendo a formação integral.

Enfatizamos a importância da Educação do Campo para o desenvolvimento das comunidades rurais, pois essa se concentra na formação dos indivíduos locais a partir da valorização dos saberes locais. Ela promove a igualdade e justiça social, garantindo aos povos do campo o direito a uma educação de qualidade.

Além disso, contribui para o progresso de habilidades e competências específicas à realidade campezina e para a formação de cidadãos críticos e conscientes das problemáticas locais, capacitados para solucionar problemas coletivos, tendo em vista a articulação das escalas geográficas e, qual é o local influenciado pelo global e vice-versa.

Portanto, o componente curricular de Geografia desempenha um papel vital ao oferecer uma base teórico-metodológica que capacita os estudantes a compreenderem seu entorno imediato e as dinâmicas mais complexas de integração do espaço geográfico. Essa abordagem permite uma análise aprofundada dos aspectos contextuais e técnicos, possibilita aos alunos entenderem as interações e transformações que ocorrem em seus ambientes de vivência intercala sociedade e natureza.

Nesse processo de investigação dos locais de vivência dos estudantes, a Geografia não apenas adiciona conhecimentos técnicos, mas também (re)cria a possibilidade de desenvolvimento de um senso de pertencimento e valorização de suas comunidades que são dinâmicas e contribui para a construção das identidades culturais.

A partir dessa abordagem educacional, é possível fortalecer a identidade cultural dos estudantes da Educação do Campo. Esses jovens, como futuros agentes de transformação social, terão a oportunidade de atuar de maneira crítica e participativa, exercendo plenamente sua

cidadania. Explorar e reconhecer o espaço ao qual pertencem, por meio das aulas de Geografia da interpretação e questionamento sobre o espaço geográfico, constitui o primeiro passo crucial nesse processo de desenvolvimento na Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 12 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução 01 de abril de 2002**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo. Brasília, DF: MEC, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1380-0-rceb001-02-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 jul. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, SP, v. 1, n. 16, p. 133–152, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Educação e Comunicação, v. 1).

IBAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Introdução à geotecnologia**: caderno de estudo. Fundo Amazônia. Rio de Janeiro, RJ: IBAM, 2015.

Disponível em:

<https://www.fundoamazonia.gov.br/export/sites/default/pt/.galleries/documentos/acervo-projetos-cartilhas-outros/IBAM-Introducao-Geotecnologia-caderno-estudo.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

MÄDER, Maria P. M.; BEHRENS, Marilda A.; KOWALSKI, Raquel P. G. Experiência de aprendizagem por pares com suporte de rede social no ensino superior. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 9, p. 64917-64928, set. 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/52632>. Acesso em: 1 ago. 2024.

MATOS, Maria I. S.; FERREIRA, Elton B. Pelos interiores - a invenção do caipira: cultura, tradição e cozinha. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 192 - 220, maio/ago. 2019.

MATURANA, Humberto. Fenomenología del conocer. **Revista de Tecnologia Educativa**, Santiago, v. 8, n. 3/4, 1983. ISSN 0259-5400 versão *online*.

PITANO, Sandro de C.; NOAL, Rosa E. O ensino da geografia a partir da compreensão do contexto local e suas relações com a totalidade. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 19, n. 1, p. 67-78, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/14530>. Acesso em: 1 ago. 2024.

RÊGO, Ernesto E.; SERAFIM, Maria L. A utilização dos aplicativos Google Maps e Google Earth no ensino de geografia: múltiplas possibilidades. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, Campina Grande, PB. **Anais eletrônicos** [...]. Campina Grande: UFPB, 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA4_ID1946_08052015200043.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, Aline. T.; MIRANDA, Elinaldo. F. Educação do rural versus educação do campo: paradigmas e controvérsias. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista, BA, v. 6, n. 6, p. 134-146, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229303899.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SANTOS, Gisely Storch do Nascimento; AQUINO, Rafael Norberto de; ANDRADE, Fábio Santos de. A educação do campo e a participação popular: retrocessos e esperança, a luta contra forças antagônicas. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, MG, v. 21, n. 1, p. 197-218, 2024. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1510>. Acesso em: 9 jul. 2024.

TORRES, Mírian Rosa; SIMÕES, Willian. **Educação do campo: por uma superação da educação rural no Brasil**. 2011. Artigo (Especialização em Educação do Campo-EaD) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/38662/R%20-%20E%20-%20MIRIAM%20ROSA%20TORRES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jul. 2024.

Recebido em: agosto de 2024

Aceito em: agosto de 2025